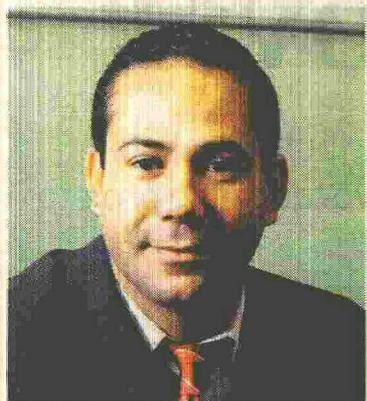




5 MINUTOS

ALEX AGOSTIN

Economista-chefe da Austin Rating



Romero Cruz

‘O mercado voltará a rever suas projeções’

1 O pessimismo do mercado chegou ao fim?

Não diria que houve uma reversão da confiança, mas um ajuste. Antes de sair o PIB do segundo trimestre, o pessoal estava com um número de crescimento da economia muito preocupante. Alguns falavam em taxa inferior a 2%. O resultado surpreendeu e alguns analistas voltaram para a projeção de 2,4%.

2 O que esperar para o segundo semestre?

Alguns indicadores já demonstram deterioração da economia. É o caso do IBC-Br (prévia do PIB, do Banco Central) e das sondagens com consumidores e indústria. Além disso, a política monetária, de alta de juros, tende a ter mais efeito sobre o investimento nesse período.

3 A realização de reuniões da equipe do Ministério da Fazenda com analistas influenciou as projeções?

Certamente, cria um ambiente menos nebuloso. É um fator condicionante, mas não determinante. Ainda acredito que, em algum momento, o mercado voltará a rever suas projeções.

4 Por que as previsões para 2014 são piores do que as para 2013?

A agenda política deve prevalecer em 2014. Não se vê o governo olhando para o investimento como antes. E os Estados Unidos, em algum momento, concluirão a política protecionista e devem roubar investimentos.

5 A política monetária também pesará no ano que vem?

Com certeza, a política contracionista tende a ter mais efeito daqui para frente.

Mudou a maré nas projeções de analistas

Inflação declinante, atividade crescente e real não tão desvalorizado levam o mercado a prever números mais otimistas para 2013. Mas, para 2014, permanece a descrença

Fernanda Nunes

fernanda.nunes@brasileconomico.com.br

Nicola Pamplona

nicola.pamplona@brasileconomico.com.br

As projeções para a economia neste fim de 2013 mostram que, na linha do clamor do governo, economistas e analistas do mercado financeiro começam a ver o “copo mais cheio” do que nos últimos meses. Pela terceira semana consecutiva, o Boletim Focus do Banco Central, que reúne estimativas das 100 principais instituições financeiras brasileiras, aponta melhora nas expectativas para este ano. Embora o cenário permaneça nebuloso para 2014, especialistas classificam setembro como um mês particularmente mais promissor do que o indicado no início de semestre, marcado pelas manifestações nas ruas e incertezas políticas.

O relatório divulgado ontem mostra que foram reduzidas as projeções de inflação e de desvalorização do real em comparação ao dólar para o fechamento deste ano, comparado à semana anterior — quando já havia melhorado a expectativa para o Produto Interno Bruto (PIB). Apesar das projeções de taxas serem mais elevadas do que as de um mês atrás, o Focus da última semana traz o princípio de uma desaceleração da inflação e melhora do câmbio, além de uma perspectiva mais elevada de crescimento da atividade.

“Estamos vendo o fim de uma onda de pessimismo que foi inaugurada no início do ano por uma série de fatores, como o PIB ruim do primeiro trimestre, o aumento da taxa de juros, a mudança de perspectiva de risco pela Standard & Poors, a inflação acima da meta e as mais fortes manifestações de

rua já vistas neste país”, avalia o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito.

É consenso que a virada começou com a divulgação do PIB do segundo trimestre, no dia 30 de agosto, que surpreendeu o mercado ao apontar um crescimento de 1,5%, ante expectativa na casa de 1%. E teve seu ápice na semana passada, com a decisão do Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, de manutenção dos estímulos à economia, contendo o fluxo de saída de dólares.

“A inflação, que estava muito puxada por alimentos, deu um alívio. E o câmbio teve um repique, mas parece ter se estabilizado em um patamar que é considerado bom para muitos”, comenta o professor do Instituto de Economia da UFRJ João Sabóia.

Os preços dos alimentos subiram menos do que o esperado, ressaltava Rafael Coutinho Costa Lima, economista da Faculdade de Economia da USP e coordenador do IPC-Fipe, indicador de inflação na capital paulista. A perspectiva de que os alimentos continuariam a corroer a capacidade de compra da população não se concretizou, diz ele. Porém, ainda há riscos de influência nos preços vindo da carne bovina e do trigo, cuja produ-

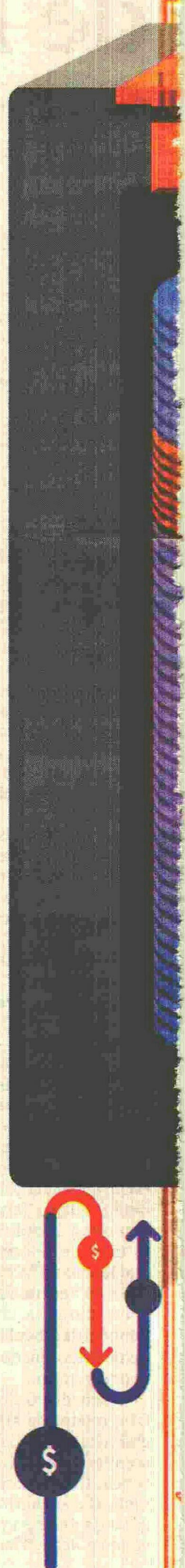
A virada começou com a divulgação do PIB do segundo trimestre, no dia 30 de agosto, que surpreendeu o mercado ao apontar um crescimento de 1,5%, ante expectativa na casa de 1%

ção na Argentina foi prejudicada pelo clima. “Ao mesmo tempo, no fim do ano passado, houve uma forte pressão dos alimentos. Ninguém acredita que irá subir tanto neste ano. Isso deve levar a uma descompressão da taxa anualizada nos próximos meses”, ressalta.

Já o real, que, pela projeção do mercado, iria desvalorizar cerca de 20%, caiu, em média, 10%, destaca o economista, que enxerga, no entanto, influências futuras do câmbio sobre preços ao consumidor de alguns produtos, como de eletroeletrônicos. “Há ainda a perspectiva de reajuste de preços administrados, como o da gasolina”, afirma o economista da Opus Gestão de Recursos e professor da Faculdade de Economia da PUC-Rio, José Márcio Camargo.

O Itaú BBA vê o câmbio como um fator positivo para a economia neste momento, sobretudo, para a balança comercial. A expectativa é de alta do dólar, para R\$ 2,45 no fechamento do ano. “O câmbio abaixo de R\$ 2 não era equilibrado”, afirma a economista do banco Gabriela Fernandes. Mas, a sua avaliação, é que as notícias recentes vindas dos Estados Unidos geram flutuações de curtíssimo prazo, sem efeitos duradouros. Por isso, mantém a previsão de novas desvalorizações do real nos próximos meses, com o câmbio alcançando o patamar de R\$ 2,45 no fechamento do ano.

Para o economista da Unicamp Fernando Nogueira Costa, projeções, como a do Focus, são pouco representativas da economia. “Não acredito em uma opinião média. Tendo mais a analisar comportamentos divergentes”, diz. Em sua opinião, os fundamentos macroeconômicos permanecem sólidos e indicam o crescimento da atividade. “Se o mercado não está percebendo é porque está equivocado”, complementa.





Divulgação

INDÍGENAS

Barroso mantém debate na Câmara

O ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou pedido de deputados da Frente Parlamentar em Defesa dos Povos Indígenas para suspender a tramitação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215, que trata da demarcação de terras indígenas. O ministro considerou precipitado interferir na tramitação da PEC e proibir a Câmara de debater o assunto. **ABR**

CNI: Desconfiança com atrasos

Dificuldade na implementação de projetos de infraestrutura abala a confiança do investidor e se reflete no PIB

Sônia Filgueiras

sonia.filgueiras@brasileconomico.com.br

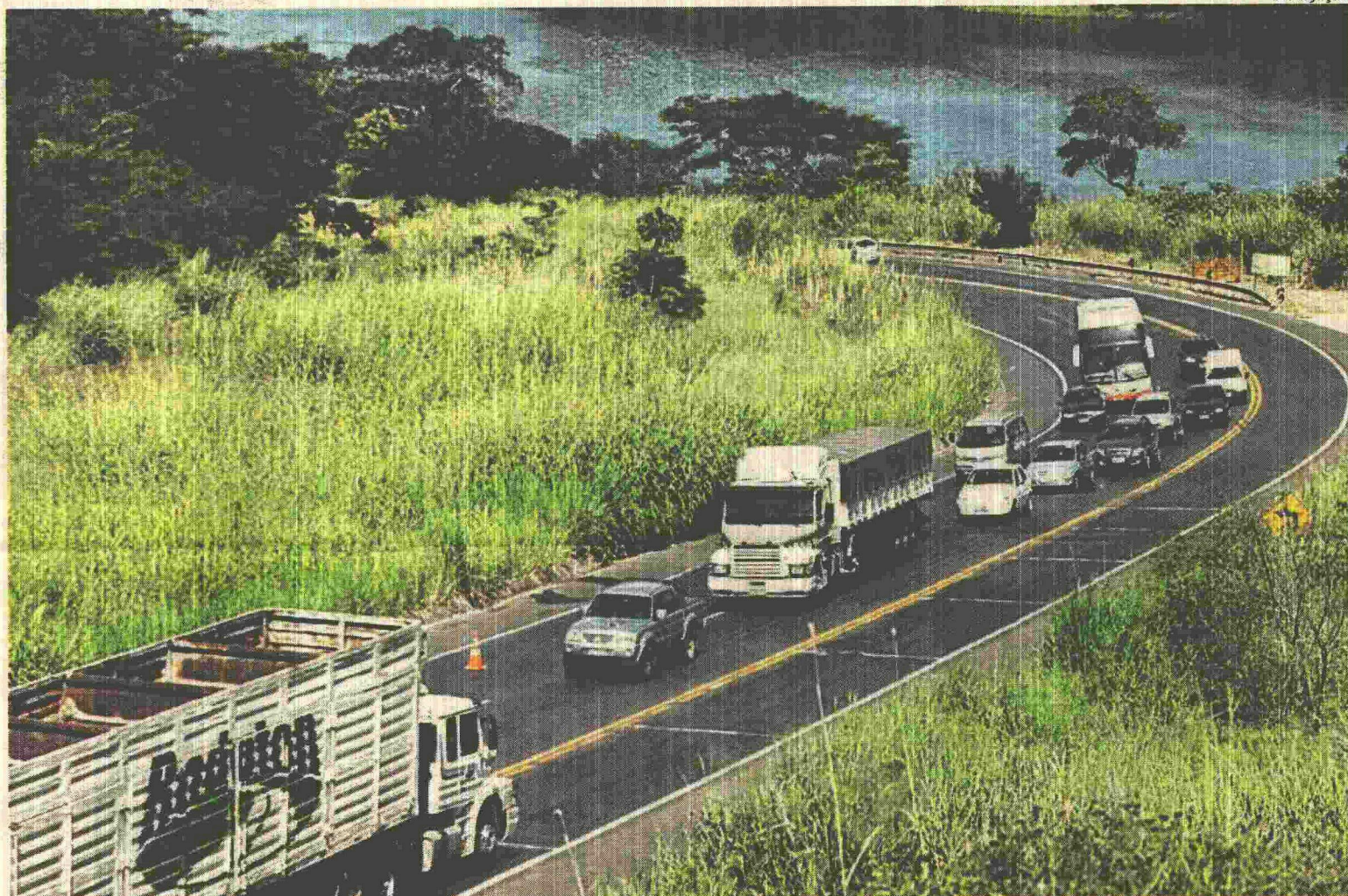
Brasília

O gerente executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), economista Flávio Castelo Branco, diz que o atraso na implementação de projetos voltados para a ampliação da competitividade produtiva, como o Programa de Infraestrutura e Logística (PIL), teve impacto negativo sobre a confiança da indústria ao longo do ano.

Nos próximos dias, a CNI divulgará a sua revisão para a taxa de crescimento do PIB de 2013. A nova projeção virá superior ao crescimento de 2% estimado pela entidade em julho, mas abaixo do cenário mais pessimista desenhado pela Confederação em dezembro de 2012, quando se previa uma expansão de 3%. “As previsões que vigoravam no início do ano incorporavam os impactos do conjunto de medidas destinadas a expandir os investimentos em infraestrutura. Esperava-se que a implementação das medidas alavancasse a taxa de investimentos na economia, o que não se confirmou. As medidas se arrastaram”, explica Castelo Branco.

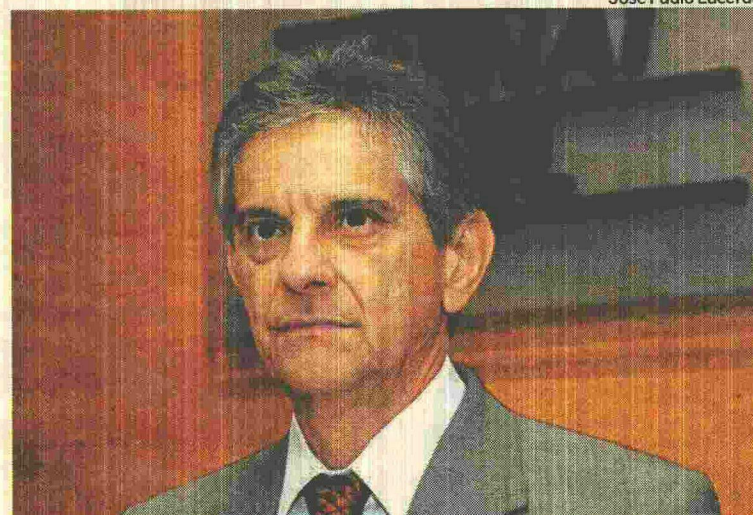
Segundo o economista, os investimentos em infraestrutura têm uma característica importante: produzem aumento da demanda na cadeia produtiva antes mesmo dos efeitos benéficos sobre a competitividade, já que envolvem obras de grande vulto. Além de alavancar as taxas de investimento da economia, esse ciclo virtuoso também influencia positivamente as expectativas e a confiança entre os agentes econômicos. Por outro lado, no caso de frustração, o efeito negativo se faz sentir da mesma forma. “Ao lado da crise internacional e da inflação, esse foi um dos fatores relevantes que levaram à frustração das projeções neste ano”, explica Castelo Branco. “A demora na implementação impactou negativamente o ciclo de confiança da indústria”, acrescenta.

A frustração está refletida no comportamento dos indicadores de confiança da indústria, hoje em patamares inferiores aos verificados em dezembro de 2012. “O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) mostrou uma queda progressiva ao longo do ano, mesmo desconsiderando o ‘vale’ verificado em julho, causado pelas manifestações populares”, diz Castelo Branco. A série histórica do Icei



Divulgação

Para CNI, ineficiência gerencial, burocracia e dificuldades de governança prejudicam a elevação da taxa de investimento do país



José Paulo Lacerda

Castelo Branco: nova projeção de PIB virá melhor que a de julho

mostra que em setembro de 2010, o Icei registrava 63,3 pontos. Contra os 54,2 pontos registrados em setembro.

Na avaliação do principal economista da CNI, há um déficit de implementação no setor público que dificulta a elevação da taxa de investimentos. “Entre o delineamento das políticas públicas e a sua entrada em vigor, há uma enorme perda de várias nature-

O terceiro trimestre ainda deverá manter o padrão oscilante dos últimos meses, mas sinalizando um resultado melhor que o ano anterior para as indústrias de transformação

zas: burocracia lenta, ineficiência gerencial, dificuldades de governança”, acrescenta o economista. Ao lado de outras agendas do setor, como a reforma tributária, a CNI vem defendendo uma ação firme do governo no sentido de fazer avançar a agenda de ações para destravar os investimentos em áreas como rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, apontadas como gargalos à expansão dos investimentos em geral e da competitividade da indústria.

De acordo com o Global Competitiveness Report (GCR) de 2013-2014, elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 114ª posição (em um universo de 148 países analisados) no que se refere ao quesito qualidade da infraestrutura, figurando entre os principais problemas do ambiente de negócios do país, ao lado da regulação tributária. Sem o esforço extra, aponta Castelo Branco, o potencial de crescimento da economia brasileira permanecerá baixo, replicando os resultados dos últimos anos. “A ênfase no consumo como alavanca do crescimento econômico está esgotada e con-

tribui cada vez menos para o crescimento.

No curtíssimo prazo, as previsões da atividade econômica da CNI são de melhora modesta. No que se refere ao índice de atividade da indústria, Flávio Castelo Branco prevê o terceiro trimestre ainda deverá manter o padrão oscilante dos últimos meses, mas sinalizando um resultado melhor que o ano anterior para as indústrias de transformação. No último trimestre, espera-se um comportamento indicadores mostrando elevação gradual e menor instabilidade.

A Sondagem Industrial - pesquisa de opinião empresarial com aproximadamente 2.000 empresas das indústrias extrativa e de transformação - aponta que o índice de utilização da capacidade instalada da indústria passou de 70% em dezembro de 2012, para 73% em abril e maio, caindo para 72% em junho e julho, e atingiu 74% em agosto, último dado disponível. Os indicadores industriais, que espelham o comportamento da indústria de transformação, mostraram comportamento semelhante.